



## **A pobreza no telejornal: o agendamento do medo e a ideologia do desempenho <sup>1</sup>**

Karina Aurora Dacol <sup>2</sup>

Universidade Federal de Santa Maria

### **Resumo**

Este trabalho tem como objetivo analisar a maneira como a pobreza aparece na mídia, especificamente no telejornal Jornal Nacional. Para tanto, o estudo reúne duas hipóteses de trabalho observáveis na mídia: o do agendamento do medo do crime e o da ideologia do desempenho. O primeiro é responsável pelo estabelecimento da vítima virtual e subrepresentação da vítima real; o segundo, pela legitimação da desigualdade pelo mérito. Para mudar este quadro do jornalismo brasileiro, se faz necessária a inclusão do contexto como uma preocupação obrigatória no fazer das notícias.

### **Palavras-chave**

telejornalismo; ideologia do desempenho; agenda *setting*; pobreza

### **Introdução**

Este trabalho pretende fazer alguns apontamentos sobre a maneira como a pobreza é mostrada na mídia brasileira, por meio da observação da maneira como o pobre aparece no Jornal Nacional, telejornal da Rede Globo. Para a realização da observação, foi escolhida a semana do dia 7 até o dia 12 de janeiro de 2008. O objetivo da observação é reunir duas hipóteses de trabalho complementares: o do agendamento do medo do crime; e o da ideologia do desempenho. Para isso, o trabalho se estrutura em três partes: a primeira apresenta as contribuições teóricas e metodológicas de relevância para a investigação; a segunda dedica-se à análise empírica do telejornal; e a última procura sistematizar os resultados, unindo reflexão crítica e análise televisual na construção da imagem da pobreza no telejornal.

A pobreza é uma condição vivida por uma grande parcela de seres humanos no mundo inteiro e caracteriza-se pela falta de acesso a serviços como saúde, educação e segurança. Além disso, essas pessoas tidas como pobres carecem de mínimos recursos financeiros, o que acaba por prejudicar ou impossibilitar sua subsistência de maneira

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na área temática de Jornalismo do Intercom Junior, evento componente do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

<sup>2</sup> Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo da UFSM, bolsista PIBIC – CNPq, karinaurora@yahoo.com.br.



digna. Dados retirados do blog do cientista político Henrique R. de Castro<sup>3</sup>, indicam que a pobreza no Brasil registrou queda desde 2006 e atingiu o nível mais baixo dos últimos quinze anos. Ainda assim, conforme números recentes da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), estima-se que haja 36,2 milhões de brasileiros vivendo com até R\$ 125 por mês, valor este que estabelece a linha de pobreza segundo classificação da Fundação Getúlio Vargas (FGV), mais exigente que a fixada pelos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da Organização das Nações Unidas. A ONU considera que as pessoas que vivem com até R\$ 47 estão abaixo da linha de pobreza.

### **A televisão e o telejornal**

A televisão é um meio de comunicação de importância fundamental: é o principal veículo de informação e entretenimento da maioria dos brasileiros, ocupando lugar de destaque nas residências. Rincón explica o papel social e cultural da televisão:

Em primeiro lugar, a televisão se consumou como uma indústria de produção em série e massiva, portanto, tem a responsabilidade de fazer bons negócios, gerar empregos e prover divisas para a sociedade; em segundo lugar, a televisão se desenvolveu e ocupou dois nichos específicos, o de testemunhar e contar a realidade e o de entreter e divertir as massas urbanas excluídas da oferta cultural elitista e, em terceiro lugar, a boa televisão será sempre a que contar histórias divertidas e, se possível, também instrutivas, que se convertam em bons negócios. Conclui-se que a televisão de qualidade é aquela que se torna parte da conversação pública cotidiana, como uma referência de novos conhecimentos e percepções (...). (*apud* BECKER, 2006, p. 4)

Becker (2006) afirma que tanto em seus discursos midiáticos como na programação das redes, os telejornais ocupam lugares estratégicos na programação televisiva: vendem credibilidade e atraem investimentos, além de promoverem uma experiência coletiva e cotidiana de nação – ao representar os fatos da sociedade, constituem a realidade social e intervêm na expressão das identidades nacionais. Além disso, os jornais televisivos:

Produzem um território simbólico de tamanho poder, que ganhou, nas reflexões críticas sobre as mediações dos meios, o conceito de telerrealidade; um poder também comprovado financeiramente,

---

<sup>3</sup> <http://hrcastro.wordpress.com/>



apontando para os noticiários um surpreendente valor comercial. (BECKER, 2006, p. 7-8)

Corroboram esta informação os dados das Tabelas dos Custos Vigentes do Mercado Nacional, com base nos índices de audiência divulgados pelo IBOPE em 2005, nas quais o Jornal Nacional mantém, naquele ano, o valor do reclame mais caro de toda a programação das emissoras abertas.

Os estudos dos efeitos da agenda-*setting* na estratégia comunicativa é uma das formas mais produtivas para o estudo da informação jornalística na televisão. A agenda-*setting* pode ser considerada uma hipótese conforme a qual “os meios de comunicação podem indicar aos seus destinatários temas” a serem pensados, “conteúdos que precisam incluir ou excluir do seu conhecimento e acontecimentos que são ou não importantes” (BECKER, 2006, p. 6). Hohlfeldt, contudo, ressalva para o fato de que, se não fosse pela mídia, não haveriam diversos temas incluídos nas preocupações, “certos temas que, de outro modo, não chegariam ao nosso conhecimento e, muito menos, tornar-se-iam temas de nossa agenda” (2001, p. 193).

No telejornalismo, a aplicação da hipótese da agenda-*setting* produz efeito direto sobre os telespectadores por meio da seleção e da hierarquia dos temas do dia, refletidas no “espelho”, a lista das notícias escolhidas na ordem em que vão ao ar em cada edição, com indicação do tempo de cada uma delas. Essa seleção chama a atenção e promove o interesse público sobre alguns temas e valores em detrimento de outros, lógica de produção diretamente relacionada ao padrão do mercado e às rotinas produtivas. Hohlfeldt complementa esta idéia afirmando que, por meio da agenda-*setting*, percebe-se a realidade de forma imaginada (2001, p. 192), corroborando para o entendimento da telerrealidade dos jornais televisivos.

### **Quem é a vítima? A lógica do agendamento por trás das vítimas de crime**

No telejornal, a pobreza aparece majoritariamente criminalizada. Se a favela é o local onde os pobres moram e vivem, então é lá que moram os criminosos - portanto, de onde os crimes provêm. Contudo, a vida fora da tela da televisão mostra que, na verdade, os moradores das favelas são as vítimas reais da violência pela qual são, quase sempre, responsabilizados pela mídia. A razão disso, para Vaz *et al* (2006) está no fato de o telejornal promover uma experiência coletiva, generalizada e midiaticizada do crime, ajudando, por meio do agendamento, a institucionalizar o fenômeno do medo do crime.

Este medo do crime não é nada mais que um risco que a mídia insiste em colocar como iminente e que gerou o conceito de vítima virtual. Ao se observar a maneira como a mídia trata as notícias de crime, percebe-se que há um endereçamento a uma audiência de classe média, a vítima virtual. Esse endereçamento ocorre pela forma como os “meios de comunicação selecionam, narram e destacam crimes ocorridos no interior da rotina de muitos e que envolvem danos físicos e seleção aleatória de vítimas” (VAZ *et al*, 2006, p. 112-113), o que leva a possibilidade do acontecimento para a vida do receptor do noticiário, dando a impressão de que a qualquer momento ele pode ser a próxima vítima da criminalidade. Por conta desta constante reafirmação do risco de ser vítima, a vítima virtual acaba mudando seus hábitos e decisões cotidianas, o que a leva a restringir suas possibilidades de prazer devido ao receio de sofrer algum crime futuro.

Por meio da análise de noticiários de crime em uma mídia impressa voltada para a classe média, Vaz *et al* constataram que há uma super-representação da favela como lugar de criminosos e uma sub-representação como lugar de vítimas. Isto se deve, em grande parte, à percepção do tráfico e seus agentes como os causadores do crime e a favela como sendo o lugar desses criminosos. “O morro não aparece apenas como lugar perigoso, mas, principalmente, como lugar de onde os crimes provêm” (2006, p. 119). No entanto, na realidade, a favela é o local onde vivem trabalhadores, pessoas pobres que, apesar de estarem em um ambiente potencialmente violento e com altos índices de criminalidade, levam uma vida honesta, mesmo com dificuldades financeiras. Por estarem inseridas nesse meio, freqüentemente são vítimas dos conflitos que ocorrem no local – as vítimas reais, em contraposição à classe média, vítima virtual e ocasional. Contudo, na análise que Vaz *et al* fazem do Jornal o Globo, em nenhum caso o favelado aparece somente como vítima. “Adicionalmente, há a prática usual da redação do noticiário de, sempre que o favelado aparece como vítima da polícia, alegar ou transcrever uma alegação de que ele era relacionado ao tráfico, ou colocá-lo como dano colateral dessa ‘guerra’” (2006, p. 120-121), ou ainda, relacionar com a favela os crimes cometidos fora delas.

É difícil negar que “as regiões faveladas possuem altos índices de criminalidade” (VAZ *et al*, 2006, p. 120), e por isso espera-se encontrar no noticiário moradores também no papel de vítimas, não só de criminosos. Os crimes que têm moradores da favela como vítimas são subnoticiados, o que gera uma desvalorização do sofrimento dessas pessoas, numa aparente “naturalização e banalização da morte e do sofrimento de gente, que não é gente como a gente” e “que implica absoluto descaso pela sorte de



nossos semelhantes que tiveram o azar de nascerem perdedores” (SOUZA, 2006, p. 67). Essas narrativas não individualizam a vítima e não dão grande importância para o motivo do crime. É como se a vida dessas pessoas pobres não fosse tão valiosa quanto a vida de vítimas de classe média.

O maior problema da cobertura dada pelos meios de comunicação é a sistemática descontextualização dos acontecimentos narrados. Omitindo os efeitos da criminalidade – observados muito mais diretamente no cotidiano dos milhares de moradores das favelas – “o jornal generaliza a condição de vítima a partir de um universo restrito de cidadãos de classe média” (VAZ *et al*, 2006, p. 125), que têm muito mais chances e possibilidades de mudar de hábitos e demandar proteção policial, diminuindo riscos de vitimização. O endereçamento à classe média funciona justamente por essa descontextualização.

A maioria dos moradores das favelas não tem envolvimento com o tráfico de drogas - em torno de 99%, conforme os dados de Dowdney (2003, p. 52 *apud* VAZ *et al*, 2006, p. 125) -, e além de serem prováveis vítimas reais, precisam lidar constantemente com o preconceito proveniente do fato de sua presença ser entendida como fator de risco por boa parte da classe média em decorrência do agendamento deste modo de pensar através da forma como a mídia expõe essas pessoas: como criminosas ou associadas ao crime. E o motivo de isto acontecer é a forma como a mídia expõe essas pessoas: ou como criminosos, ou associados ao crime.

### **Anotações sobre a ideologia do desempenho**

Adelmo Genro Filho conceitua o jornalismo, parcialmente, como sendo “uma forma de comunicação que serve para reforçar a hegemonia ideológica da burguesia e reproduzir a dominação de classe” (GENRO FILHO *apud* MEDITSCH, 1992, p.26). Isso se evidencia no acesso e na utilização dos meios de comunicação, que são atributos de poder aos dominantes: a posse e o direito de expressar publicamente as opiniões é privilégio dos diferenciados, aqueles que já têm um poder social em outros setores da sociedade, o qual lhes dá suporte. O direito de opinar e julgar publicamente é, financeiramente falando, muito caro, tornando-se luxo apenas de grandes capitalistas. É por este motivo que as camadas populares jamais serão devidamente ouvidas pela imprensa. Dessa forma, a mais evidente desigualdade social está na esfera do discurso:



“a dos que têm chance e os meios de falar e de se impor, mesmo sem ter nada o que dizer, contra os que não os têm” (MARCONDES FILHO, 1993, p. 142).

A ideologia é entendida, conforme Chauí, como

(...) um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar e como devem pensar, o que devem valorizar e como devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador (...) (CHAUI, 1981 p. 113).

A ideologia caracteriza-se, pela não separação entre a produção das idéias e as condições sociais e históricas nas quais essas idéias são produzidas (1981, p. 32). Essas idéias, na verdade, expressam condições reais, mas, conforme Chauí, de modo invertido e dissimulado. “Com tais idéias pretende-se explicar a realidade, sem se perceber que são elas que precisam ser explicadas pela realidade” (1981, p. 16). A função da ideologia é a de ocultar a verdadeira realidade, as condições reais de existência dos homens – que são produtores de suas idéias. A ideologia mostra um mundo ideal, que deve ser preservado por todos. Dessa maneira, as crenças, valores e opiniões são interiorizados como se fossem verdadeiros e universais (1981, p. 32).

Considerando a frase de uso comum “o trabalho dignifica o homem e produz riquezas”, pode-se dizer que é uma afirmação verdadeira, difícil de ser contestada e que os termos, isolados, não apresentam contradições. Entretanto, o sentido da sentença torna-se uma abstração caso não se considere o contexto histórico em que os homens vivem e se relacionam. No caso dos trabalhadores pobres das favelas, apesar de muitos cumprirem horários desumanos e terem profissões consideradas pouco dignas frente à sociedade, essa riqueza não passa de uma ilusão, um sonho que, talvez, ainda possa ser alcançado – com muito esforço e uma ajuda da sorte. Assim, a maioria desses moradores da favela não se revolta com a situação veiculada pela mídia. Isto significa que a ideologia pregada pela mídia exerce uma grande influência sobre essas pessoas. É a ideologia do desempenho que, conforme Souza

(...) é a tentativa de elaborar um princípio único, para além da mera propriedade econômica, a partir do qual se constitui a mais importante forma de legitimação da desigualdade no mundo contemporâneo. A



idéia subjacente a esse argumento é a necessidade de um ‘pano de fundo consensual’ (*Hintergrundkonsens*) acerca do valor diferencial dos seres humanos, de tal modo que possa existir uma efetiva – ainda que subliminarmente produzida – legitimação da desigualdade. Sem isso o caráter violento e injusto da desigualdade social se manifestaria de forma clara, a olho nu. (SOUZA, 2004, p. 88)<sup>4</sup>

Segundo Souza (2004), trata-se de uma ideologia, pois, além de estimular e premiar a capacidade de desempenho objetiva, também legitima o acesso diferencial permanente às oportunidades e à aquisição de bens. Ela faz com que as pessoas aceitem o fato de que existem lugares na sociedade por merecimento, como se houvesse pessoas que merecessem ganhar mais, ter mais. Assim,

Como o princípio básico do consenso transclassista nas sociedades modernas é o princípio do desempenho e da disciplina (...), passa a ser a aceitação e internalização generalizada deste princípio que faz com que a inadaptação e a marginalização destes setores possa ser percebida, tanto pela sociedade incluída como também pelas próprias vítimas, como um “fracasso pessoal”. (SOUZA, 2006, p. 66)

Vale ressaltar também a dimensão objetiva, implícita e opaca na qual a ideologia do desempenho opera (SOUZA, 2003). Essa dimensão implica o arranjo de toda uma visão de mundo e hierarquia moral, a qual é impassível de compreensão através de apenas uma dimensão da realidade. Além disso, justamente por sua invisibilidade, esta ideologia torna-se tão eficaz em sua articulação para a conformação de visões de mundo e modos de ser e ver-se no mesmo. No caso dos sujeitos que não são afetados por essas idéias, há dois tipos: o criminoso, que se revolta e investe contra a sociedade, cometendo crimes, e evidenciando “os efeitos da desclassificação social”, que só são percebidos “no ressentimento e ódio mudos quando se transmutam em violência nas manchetes dos jornais” (SOUZA, 2006, p. 67); e o participante de movimento social que, ao se revoltar, procura fazer a diferença por meio do seu engajamento em movimentos sociais ou ONGs que promovam a possibilidade melhorar as condições sociais, independente do foco (ecológicos, educacionais, etc).

---

<sup>4</sup> Grifo do autor.





## **Análise do telejornal**

Escolheu-se analisar por uma semana, do dia 7 até o dia 12 de janeiro de 2008, a forma como a pobreza é apresentada e os modos de contar essas notícias e reportagens no Jornal Nacional. Este noticiário é a mais importante fonte de conhecimento dos acontecimentos sociais para a maioria da população brasileira. O telejornal é apresentado de segunda a sábado durante o chamado horário nobre, às 20h 15 min, na Rede Globo de Televisão. Foram ignoradas as notícias e reportagens internacionais e consideradas apenas as que se referissem e mostrassem pessoas de origem visivelmente humilde.

O que se pôde observar na análise do telejornal foi que a pobreza praticamente não aparece. Pelo menos não com este título ou como temática principal. Em todas as edições daquela semana, o tema da febre amarela foi abordado, sob diferentes aspectos. Todas as reportagens mostraram filas para vacinação contra a doença em postos de saúde de diversas localidades. Nestas filas viam-se pessoas de diferentes classes sociais. Algumas foram ouvidas nas reportagens. Numa delas, que anunciou a morte por febre amarela de um lavrador, um homem diz que vale a pena enfrentar a fila.

Em outra reportagem, é abordado o crescimento das indústrias automobilísticas no Brasil, que colaborou para o aumento de empregos. São mostradas imagens dos operários trabalhando em uma indústria. Um montador, que está empregado com carteira assinada há um ano numa dessas empresas, diz que vai comemorar o fato com um churrasco.

Nessa semana, também é noticiada, no Morro da Mangueira, no Rio de Janeiro, que a polícia apreendeu uma tonelada de maconha e descobriu uma “fortaleza do tráfico”, um muro construído que permite aos bandidos terem uma visão privilegiada e se protegerem de tiros. O chefe da quadrilha, em liberdade condicional, é um dos autores do samba-enredo da Mangueira deste ano. Dois dias depois, é veiculado que a polícia derrubou a muralha construída pelos bandidos – que andam armados com fuzis e distribuem drogas para várias favelas da cidade. O chefe da quadrilha está foragido. No dia seguinte, a favela aparece novamente no Jornal Nacional: bandidos invadem uma favela no Rio de Janeiro para tomar bocas de tráfico. Houve tiroteios. Em todas as reportagens foram mostradas imagens das favelas e da ação da polícia.

Outra notícia veiculada foi sobre o assassinato de um motoboy, morto por um promotor que alegava que o rapaz queria lhe roubar ao se aproximar de seu carro. O





foco era que o promotor não tinha autorização para usar a arma. Familiares da vítima insistem na inocência do rapaz morto, que não tinha antecedentes criminais. Ainda sobre crimes, uma pequena notícia sobre a fuga de sete presos de uma penitenciária foi ao ar e, em outro dia, é anunciado em uma pequena notícia o afastamento de cinco agentes penitenciários por aceitarem suborno em troca de favores para presos, na cidade de São Vicente, Grande São Paulo.

O rural apareceu algumas vezes no telejornal dessa semana. Foi noticiada chuva no Ceará, o que animou os agricultores. Dois deles foram ouvidos em sonoras e foram mostradas imagens de uma fila de pequenos agricultores esperando por sementes e trabalhando nas terras. A reportagem acaba com a imagem de um trabalhador cantando e tocando um instrumento parecido com um violão. Em outro dia, é feita reportagem sobre agricultores que conseguem prever o tempo por meio da natureza: pelo fruto do juazeiro, pela observação de formigas. Além de sonoras dos trabalhadores rurais, aparece a imagem de uma espécie de congresso ao ar livre, na qual vários desses agricultores discutem e argumentam sobre como será o clima e o tempo. Também é anunciada a morte de um trabalhador rural que fora arrastado pela enxurrada no Espírito Santo. Nessa reportagem, são veiculadas imagens de pessoas tentando salvar alguns pertences e a sonora de uma moradora chorando a perda de tudo o que tinha.

Uma outra reportagem, sobre a indústria da moda, destacou as pessoas que estão “do outro lado” dos desfiles: as bordadeiras das roupas desfiladas. A reportagem mostrou imagens das costureiras trabalhando e a sonora de uma delas, que diz que, se pudesse, gostaria de estar em cima das passarelas também.

Foi ao ar, também, uma reportagem sobre o aumento da oferta de empregos em janeiro, em virtude da boa situação econômica do país. A reportagem contou com sonoras de alguns desempregados e imagens das centrais de empregos lotadas de pessoas tentando uma oportunidade. Em reportagem sobre o sumiço das notas de um real e da dificuldade de encontrar as moedas postas em circulação para substituí-las, há sonoras de feirantes, taxistas e de uma senhora, que diz que guarda moedas em casa, num cofrinho. Essas notícias foram incluídas neste ensaio por mostrar como o telejornal colocou as vozes das pessoas comuns como figurantes para uma reportagem melhor, mas não lhes conferindo o papel principal.

No último dia da semana de observação, o encerramento do Jornal Nacional foi dedicado à história de um pedreiro analfabeto que aprendeu a ler aos 45 anos. O homem passou a recolher livros que teriam o lixo como destino e montou uma biblioteca com



3500 títulos na periferia de uma cidade do interior de São Paulo. Atualmente, a biblioteca tem vários associados, principalmente crianças e jovens da própria periferia, conta com trabalho voluntário e já recebeu doação de computadores, alguns até com internet. Ou seja, para finalizar a semana, recheada de crimes, violência e algumas poucas notícias boas, uma reportagem sugerindo que todos podem se encantar e se doar por alguma causa, independente da idade e da condição. Um tempo literalmente valioso que poderia ser aproveitado para apresentar uma boa reportagem sobre algum tema relevante para o país.

O que se pode perceber com tudo isso é que o discurso das pessoas comuns ouvidas nas reportagens mostra que a ideologia do desempenho existe no Jornal Nacional e funciona sim. As pessoas se mostram conformadas em suas falas frente a dificuldades, como no caso das enormes filas para vacinação mostradas nas imagens das várias reportagens sobre a febre amarela exibidas durante toda a semana. Ou no caso do jovem que anunciava a comemoração por ter emprego com carteira assinada há um ano, em reportagem sobre o crescimento da indústria automobilística. Além destes exemplos, há a bordadeira que gostaria de subir às passarelas – mas tem consciência de que lá não é o seu lugar, e sim atrás das máquinas de costura que produzem as roupas das modelos. É como se só isso fosse o permitido para estas pessoas. Como se elas não merecessem o acesso fácil a medicamentos, a tranquilidade de um emprego estável ou o sonho de fazer sucesso numa realidade reservada para poucos.

Em relação às notícias relacionadas às favelas, todas elas ligavam-na ao crime e tinham relação com o tráfico de drogas, corroborando os estudos teóricos e empíricos de Vaz *et al.* Em nenhum momento foram mencionados quaisquer uns dos 99% de trabalhadores e pessoas sem envolvimento com o tráfico, residentes nas favelas. Inclusive, quando era noticiado tiroteio com mortes, não se dizia se os mortos eram bandidos, policiais ou inocentes moradores da favela. Os pobres quase sempre só aparecem nos programas jornalísticos quando são "perigosos", violentos, pitorescos (caso da reportagem sobre os trabalhadores rurais que prevêm o tempo pela natureza) ou sofreram alguma tragédia (como as pessoas que perderam suas casas com a enxurrada no Espírito Santo). No Jornal Nacional, conforme essa semana de observação, não é diferente.

Quanto à agenda-*setting*, o caso do promotor que assassina o motoboy pode ser considerado um exemplo. O rapaz humilde, por se aproximar “demais” do carro e, conforme o promotor, tentar roubar seu relógio, evidencia isso. O fato do porte ilegal de

arma demonstra que o medo do crime foi instituído com sucesso. Além disso, o que é um relógio para um promotor? Da mesma maneira que o latrocínio não se justifica, matar porque talvez (o caso do roubo não foi comprovado) seria roubado também não – muito menos por um relógio de pulso.

Outro agendamento evidente em relação ao pobre é o de pensá-lo como um sofredor ou batalhador – mas apenas quando está longe das favelas, como no ambiente rural, por exemplo, ou mostrado em meio a uma catástrofe, que provoca comoção, pois pode atingir qualquer um – e ver pessoas perdendo tudo nos faz imaginar como seria esta situação conosco. Mas o que mais salta aos olhos pode ser considerado o pobre como pitoresco: ao prever a chuva por sinais da natureza, montar uma biblioteca sem saber ler, ser uma senhora de meia idade e sonhar em ser modelo ou o rapaz que faria um churrasco para comemorar o fato de que em um ano, ainda não foi demitido. Isso tudo está aparentemente tão distante da classe média que essas pessoas não parecem reais, dada a singularidade com a qual são tratadas – singularidade essa que deve existir, mas sem estar dissociada do seu particular e do seu universal (GENRO FILHO, *apud* MEDITSCH, 1992), ou seja, da contextualização deste singular.

### **Considerações finais**

A partir das contribuições teóricas e da análise empírica pôde-se observar que, apesar de várias reportagens terem muitas vozes não oficiais, de pessoas comuns, de diferentes classes sociais, contribuindo para os assuntos abordados nas reportagens, é difícil dizer se elas são pobres de fato ou não. Inclusive, porque não houve nenhuma reportagem mostrada especificamente sobre a pobreza como questão social. Isto poderia ser atribuído à falta de contextualização já mencionada por Vaz *et al* (2006) e por Genro Filho (*apud* MEDITSCH, 1992). Conforme Becker,

(...) a falta de contextualização no tratamento da informação sobre a maioria dos fatos sociais transformados em acontecimento, tem sido justificada, de modo inadequado, pela necessidade de apresentar o produto notícia com a objetividade e a imparcialidade inalcançáveis do discurso jornalístico. (BECKER, 2006, p. 9).

Isso se ilustra no discurso de Tuchman: “forçado pela exigência de rapidez, o jornalista precisa de métodos que possam ser aplicados fácil e rapidamente. Assim, a objetividade ajuda o jornalista a vencer as ‘horas de fechamento’” (*apud* TRAQUINA,



2004, p. 141), além de colaborar para a sua legitimidade. Dessa forma, para poder ver a pobreza e a cultura popular mostradas com dignidade e respeito, e não somente como responsáveis pela criminalidade nos grandes veículos de comunicação do país, será necessário, antes, uma reflexão sobre as lógicas de construção das notícias para levar (entre outras mudanças), à inclusão do contexto como uma preocupação obrigatória no fazer das notícias – principalmente sobre favelas.

O jornalismo é uma forma de conhecimento, e para este conhecimento ter qualidade, isto implica diversidade de acesso e conteúdo na produção jornalística. Mas é preciso considerar que a notícia é, ao mesmo tempo, um registro da realidade social e também um produto dela, vendido pela mídia. Os enunciados dos telejornais têm a finalidade de permitir que o que é dito exista, mas também dizer o que não existe. Desta maneira, como mostram os estudos realizados neste trabalho, os telejornais mostram uma visão distorcida do que se passa no Brasil. No entanto, como telespectadores, não deveríamos acreditar em tudo o que é mostrado, já que nos veículos jornalísticos é criado um mundo, e não mostrado o mundo. Cada edição pode ser tida como uma versão do cotidiano da realidade social (BECKER, 2006).

A mídia pode funcionar como instrumento de conservação ou de mudança desta realidade social. A função básica do noticiário é a de informar, mas de acordo com Machado, as múltiplas vozes do telejornalismo – pessoas comuns emitindo opiniões e contando histórias sobre os mais diversos assuntos - pode tentar encobrir o fato de que “toda a produção de linguagem emana de alguém, ou de um grupo, ou de uma empresa, logo, nunca é resultado de um consenso coletivo e sim, de uma postura interpretativa diante dos fatos noticiados” (*apud* BECKER, 2006, p. 9) juntamente com seus interesses comerciais. A mídia, especialmente o telejornal, no caso deste estudo, ordena e sistematiza o real, mas, simultaneamente, tem seu texto aberto a interpretações do telespectador, inclusive do telespectador-pesquisador.



## Referências bibliográficas

BECKER, Beatriz. *Telejornalismo de Qualidade: Um Conceito em Construção*. IN: <http://www.ufrgs.br/gtjornalismo/compos/doc2006/beatrizbecker2006.doc> último acesso em 08/12/2007.

CASTRO, Henrique R. de. *Brasil registra menor índice de pobreza dos últimos 15 anos*. IN: <http://hrcaastro.wordpress.com/> último acesso em 08/12/2007.

CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo: Brasiliense S. A., 1981.

HOHLFELDT, Antonio. Hipóteses contemporâneas de pesquisa em comunicação. IN: HOHLFELDT, Antonio *et al* (orgs.). *Teorias da comunicação: conceito, escolas e tendências*. Petrópolis: Vozes, 2001, p. 187-219.

MARCONDES FILHO, Ciro. *Jornalismo fin-de-siècle*. São Paulo: Página Aberta, 1993.

MEDITSCH, Eduardo. O jornalismo como forma de conhecimento: a contribuição de Aldelmo Genro Filho. IN: MEDITSCH, Eduardo. *O conhecimento do jornalismo*. Florianópolis, UFSC, 1992, p. 23-34.

SOUZA, Jessé. *A construção social da subcidadania: para uma sociologia da modernidade periférica*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. A gramática social da desigualdade brasileira. IN: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 19, n. 54, São Paulo, 2004, p. 79-96.

\_\_\_\_\_. Por uma teoria da ação social da modernidade periférica: um diálogo crítico com Florestan Fernandes. IN: SOUZA, Jessé (org.). *A invisibilidade da desigualdade brasileira*. Belo Horizonte: UFMG, 2006, p. 55-68.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do jornalismo*, v. 1. Florianópolis: Insular, 2004.

VAZ, Paulo *et al*. Pobreza e risco: a imagem da favela no noticiário de crime. IN: LEMOS, André *et al* (orgs.). *Narrativas midiáticas contemporâneas*. Porto Alegre: Sulina, 2006, p. 111-127.